Grupos Insurgentes na Chechênia

Coronel Sergey A. Kulikov, Federação Russa
Robert R. Love, tradutor da versão original ao inglês

EVENTOS RECENTES na Rússia, nos EUA, no Oriente Medio e em muitos outros países, salientam um problema central na guerra contra o terrorismo. O terrorista de hoje não se encontra desesperado nem isolado. Na Rússia, os insurgentes são bem liderados, amplamente financiados e eficientemente organizados em batalhões, companhias, pelotões e esquadrões, com todas as especialidades ocupacionais essenciais militares, desde franco-atiradores, especialistas em demolição, especialistas em granadas propulsadas por foguetes, a engenheiros de combate.

A Rússia já se deparou antes com o terrorismo e a insurgência — no Afeganistão de 1979 a 1989 — e os está enfrentando novamente na república da Chechênia, com forças federais russas ocupadas em medidas de contraterrorismo. O conhecimento dos elementos clássicos de combate, como ensinado nas academias militares russas — ou seja, as operações de Exército e de Frentes, abarcando centenas de quilômetros de território — não se aplica hoje da mesma maneira como antes, apesar de que o conhecimento não deixa de continuar sendo importante. Cada vez mais, as academias militares russas enfatizam as ações de combate em conflitos insurgentes locais, baseando-se nas lições aprendidas no Afeganistão e na atual experiência russa na região do Cáucaso Norte.

Métodos e Táticas dos Insurgentes

Unidades do Ministério dos Assuntos Estrangeiros da Federação da Rússia estão atualmente trabalhando no sentido de manter a lei e a ordem e de prover a segurança pública na região do Cáucaso Norte[2]. Os vários tipos de organizações armadas enfrentadas pelo Ministério encontram-se, geralmente, em território checheno e são normalmente chamadas de formações armadas ilegais. As ações da guerrilha insurgente, geralmente emboscadas e incursões, são efetuadas em território que o inimigo conhece bem.

As insurgências não são novidade para o Ministério dos Assuntos Estrangeiros da Federação da Rússia. Durante mais de 50 anos, durante o período soviético, o Ministério lidou com áreas problemáticas na Ásia Central, no Cáucaso Norte, na Ucrânia ocidental, na Bielorússia ocidental e nos estados Bálticos. Atualmente, destacamentos de 60 a 100 insurgentes se formam localmente, tornando-se parte de unidades maiores sob um comando unificado. Embora desdobrados em uma grande área, operam com uma única intenção. Apesar de sua arma básica ser o fuzil, possuem modernas armas pesadas, incluindo sistemas de mísseis antiaéreos (*antiaircraft missle systems*), fuzis sem recuo e morteiros.

Quando o primeiro conflito checheno começou em 1994, as tropas russas se depararam com as forças

armadas permanentes e bem-organizadas da Chechênia, equipadas com armamento e equipamento de virtualmente todas as Armas. À medida que o conflito se desenvolvia e se perdia equipamento, os grupos armados mudavam para as táticas de guerrilha. Os insurgentes obtinham armas tomando-as de tropas russas em emboscadas e incursões ou adquirindo-as ilegalmente de outros países, com a ajuda de seus benfeitores financeiros.

A estrutura do grupo insurgente inclui —

• Um comandante de campanha e um ou dois subcomandantes, que formam o seu estado-maior (muitas vezes ex-soldados ou pessoal treinado pelo Ministério dos Assuntos Estrangeiros da Federação da Rússia).

Os insurgentes fazem uso total da escuridão, que lhes provê cobertura e o elemento surpresa; causa desorientação e pânico entre o pessoal atacado; interfere com o comando e controle; e os ajuda a obter sucesso mesmo contra forças numericamente superiores. Eles atacam de surpresa à noite e então se retiram por rotas planejadas com antecipação.

• Uma equipe de guarda-costas que acompanha e protege o comandante durante o combate ou quando ele se encontra em um acampamento-base.

• Uma equipe de reconhecimento e uma rede de exploradores (geralmente civis locais que não são parte do destacamento).

• Pessoal de comunicações.

• Forças Especiais.

• Franco-atiradores.

• Fuzileiros.

Outros insurgentes apoiam o destacamento obtendo comida, munições e outras necessidades. Podem também prover serviços de ligação, segurança ou de contra-inteligência.

Os destacamentos consistem de combatentes bem treinados, geralmente voluntários mas que também podem ter sido recrutados. Os recrutas são geralmente inferiores aos voluntários em treinamento, qualidades de combate e preparação mental para o combate. Ex-presidiários de colônias penais, campos de detenção, prisões e criminosos procurados pela polícia, também são membros destes grupos armados. Portanto, não e de surpreender que os insurgentes usem, com freqüência, táticas tais como o roubo, o assalto, a pilhagem e a violência.

Os destacamentos na Chechênia são geralmente regionais, com residentes de uma só vila se unindo em assim-chamados "destacamentos de auto-defesa". Com freqüência, os residentes de uma única área formam "brigadas nacionais de milícia e regimentos". Os destacamentos combatem apenas nas áreas em que foram recrutados.

Quando se calcula a composição e a quantidade de um grupo de insurgentes, deve-se considerar também a sua reserva — indivíduos simpatizantes que aparentam ser cidadãos amantes da paz, com residências permanentes, mas que escondem depósitos de armas. Ex-insurgentes também podem fazer parte da reserva. Durante alguns programas de desarmamento, eles se recusaram "voluntariamente" a apoiar os insurgentes, abandonaram as suas armas e conseguiram se legalizar. De vez em quando, os dois grupos da reserva se unem em destacamentos ativos para tomar parte em ações de grande escala. Eles também desempenham trabalhos de inteligência e espalham a desinformação.

Em Nagorno-Karabakh, na Abkhazia e na Chechênia, mercenários e voluntários de outras regiões e do estrangeiro uniram-se aos insurgentes. Como os mercenários são os melhores treinados e mais preparados para o combate, os insurgentes os usam com freqüência em missões difíceis, que exigem um alto nível de competência, como conselheiros para comandantes de destacamentos e como instrutores em centros de treinamento. Os insurgentes podem colocá-los num destacamento separado (ou torná-los o centro de um destacamento) para um combate que envolva operações especiais e de terrorismo.

Embora muitos insurgentes tenham servido nas forças armadas e tenham recebido treinamento militar, a insurgência mantém centros ou escolas de treinamento. Desempenhar atos terroristas em uma guerra de guerrilha exige habilidades especiais, conhecimento e destreza. Os insurgentes aprendem a usar armas, fazer incursões, desenvolver atos de terrorismo, sobreviver em campanha, e a usar camuflagem e propaganda. Os centros de treinamento lhes ensina admiravelmente bem. Em numerosos conflitos, os grupos insurgentes têm demonstrado um alto nível de eficiência. Um fator-chave do seu sucesso é o uso das lições aprendidas durante antigas campanhas de guerrilha.

Os grupos de insurgentes armados baseiam as suas táticas nos seguintes princípios:

• Um forte relacionamento com a população local.

• Ações por parte de pequenos destacamentos e equipes.

• Conhecimento e uso habilidoso do terreno, como, por exemplo, o planejamento de emboscadas em pontos de vantagem tática.

Departamento de Defesa

Integrantes do Exército da Georgia treinam no emprego de armas táticas.

• O uso ativo das condições de visibilidade limitada, especialmente a escuridão.

• A cuidadosa seleção de objetivos e do desenvolvimento de planos de ação simples e realizáveis.

• O reconhecimento antes da ação. (Mesmo quando não atacando, os insurgentes atenta e diligentemente monitoram as atividades de soldados e de forças policiais)

• Ações secretas e de surpresa e o uso da perspicácia militar.

• Abrir fogo aproximado para logo retroceder a uma distância segura.

• Usar emboscadas e fogo desde locais inatingíveis em terreno difícil, para cobrir a retirada e causar baixas.

• A coordenação cerrada entre o pessoal destacado durante todas as ações.

Contar com o esgotamento do pessoal policial.

• Operações psicológicas em apoio de atividades de insurgência.

• Uma segurança e inteligência bem organizadas.

Expandindo Princípios

Manter fortes ligações com a população local é um princípio fundamental das operações de insurgência. Cidadãos locais provêm os insurgentes com pessoal, comida, roupa, armazenagem, ajuda médica e às vezes ajuda militar direta e outros serviços. É por isso que os separatistas tentam impor na população local a idéia de que os destacamentos rebeldes são defensores do povo e espalham boatos sobre atos maldosos supostamente cometidos pelas forças da lei e da ordem. Os insurgentes punem impiedosamente a qualquer um da população local que demonstre a mais mínima indicação de lealdade para com as forças federais, mesmo que isso signifique matar os envolvidos.

A mais usada técnica dos insurgentes é o uso de pequenos destacamentos espalhados por uma grande área de território para criar a impressão de uma presença universal. Durante uma palestra em *West Point* em 1962, o então Presidente John F. Kennedy disse: "A guerra contra insurgentes, guerrilheiros e grupos é uma nova espécie de guerra, nova em sua intensidade e antiga em suas origens, uma guerra que usa a infiltração ao invés do ataque, uma guerra onde a vitória é obtida por cansar e esgotar as forças da oposição ao invés de destruí-las. Exige novas estratégias e táticas, forças especializadas e novas formas de combate."[3]

Os insurgentes compelem as forças da lei e da ordem a operar em pequenas unidades separadas umas das outras por grandes distâncias, o que as impede de poder se aproveitar do apoio de fogo mútuo e das comunicações. Trabalhando em pequenos grupos, os rebeldes podem interferir no avanço de grandes formações.

Os insurgentes fazem uso total da escuridão, que lhes provê cobertura e o elemento surpresa; causa desorientação e pânico entre o pessoal atacado; interfere com o comando e controle; e os ajuda a obter sucesso mesmo contra forças numericamente superiores. Eles atacam de surpresa à noite e então se retiram por rotas planejadas com antecipação. Insurgentes propositadamente guiam os seus perseguidores em direção a postos nas redondezas e a guarnições de outras tropas federais. Quando são bem-sucedidos nisto, o menor erro em coordenação e comunicações resulta nas forças federais atirarem umas contra as outras. Os insurgentes tiram vantagem da escuridão noturna para conduzir provocações durante cessar-fogos ou enquanto negociações estão em andamento. Os líderes dos insurgentes então aproveitam para pôr a culpa dessas provocações em terceiros ou até mesmo nas forças da lei e da ordem.

No dia 31 de maio de 1996, um destacamento de rebeldes capturou um posto de comando regimental perto de Shuanya. Antes de atacar, os insurgentes haviam conduzido estudos detalhados das rotinas diárias de um número de postos de comando nas áreas de Nozhayt-Yurtov, Kurchaloyev e Gudermes da república Chechênia.

Esgotar o inimigo é um dos objetivos principais da insurgência. O líder separatista checheno Dzhokhar Dudayev disse "Operaremos para que nem um só soldado da ocupação possa caminhar livremente em solo checheno. Estando ele em movimento, na sua base, dormindo ou comendo, estará sempre sob constante temor."[4]

Outro princípio antigo e cada vez mais significativo do insurgente é o de gerar o apoio psicológico para as suas atividades. Os objetivos principais das operações psicológicas da insurgência são: os de manter o moral entre os insurgentes; apoio à sua autoridade ante a população local; e a desmoralização das forças da lei e da ordem. Para isso, e para disseminar mentiras ou a distorção de fatos, os insurgentes usam o rádio, a televisão e a imprensa local e estrangeira.

As táticas dos insurgentes são ativas e audaciosas. Raramente ficam na defensiva, apenas em casos excepcionais, tal como quando defendem a sua base ou áreas selecionadas ou quando o inimigo os cerca ou ameaça os seus destacamentos.

Uma vez que as forças da lei e da ordem estabelecem o controle sobre uma área inteira, ou sobre a maioria de uma área, os insurgentes mudam para a guerra de guerrilha, atacando linhas de comunicações e pequenas guarnições. Os insurgentes também usam minas, armadilhas e franco-atiradores e conduzem ações terroristas em grande escala, envolvendo a tomada de reféns.

Os comandantes dos rebeldes dependem dos seguintes princípios:

- Não participar diretamente de um combate. Romper o contato com forças da lei e da ordem para ocupar novas e melhores posições.
- Nunca permanecer em contato com as forças da lei e da ordem por muito tempo. Tentar retroceder sem ser visto e ocupar novas e vantajosas posições ou esconderijos.
- Tentar ataques de grande escala somente quando houver forças suficientes.
- Usar pequenas unidades para atacar soldados individualmente, obter armas ou para repelir ataques.
- Manter a pressão psicológica sobre as forças da lei e da ordem, atirando neles regularmente.
- Usar morteiros, obuseiros autopropulsados e outras armas pesadas quando atacando objetivos importantes e posições fortificadas com forças significativas concentradas em pequenas áreas, e usar o fogo concentrado de armas "nômades" para infligir grandes baixas.
- Conduzir uma retirada organizada em pequenos grupos, preparando emboscadas e respondendo ao fogo, se as forças da lei e da ordem decidirem lançar um ataque de surpresa numa frente ampla.

Ataques da Insurgência

Os insurgentes normalmente atacam os postos de guardas, postos de comando regimental, os QG da polícia e militares, pistas de pouso e armazéns para destruí-los, causar-lhes danos ou capturá-los. Os insurgentes realizam um cuidadoso reconhecimento e uma desinformação habilidosa antes de atacar, com membros da população local ajudando nas atividades de desinformação.

Os insurgentes estudam os sistemas dos guardas, das comunicações, dos obstáculos, das posições das armas e dos planos que ponham em prática os seus objetivos. Eles determinam as capacidades dos reforços das tropas de defesa (composição, horário de movimento e rotas) e sempre usam o elemento da surpresa. Uns 30 homens fazem parte do ataque e o grupo se divide da seguinte forma: os do reconhecimento; os que desarmam os guardas; uma equipe para dar cobertura; o corpo principal (de assalto); e, às vezes, um grupo especial de distração.

A equipe de reconhecimento se desloca para o

Departamento de Defesa

Integrantes do Exército da Georgia treinam taticamente em diferentes tipos de terreno.

objetivo, observando quaisquer mudanças recentes no sistema dos guardas e os pontos mais vantajosos para o ataque e subseqüente retirada. Se a equipe se depara inesperadamente com forças superiores, retira-se lateralmente em relação ao corpo principal insurgente, mas coordena a retirada com ele para tentar conduzir a força inimiga a um ponto de fogo cruzado. Cúmplices dentre a população às vezes conduzem o reconhecimento.

A equipe de cobertura assume posições, sigilosamente, próximo ao objetivo e bloqueia as rotas prováveis de movimento das forças de rápida resposta ou da reserva e a linhas de movimento dos elementos de reserva das forças federais que apóiam a guarnição e a guarda. A equipe de cobertura provê o apoio de fogo para a força principal e então cobre a retirada do destacamento.

Manobrando por trás da equipe de cobertura, a principal força de assalto usa o ataque-surpresa para capturar ou destruir o objetivo. Caso a força de assalto não consiga controlar o objetivo, ou se essa não era a intenção, o destacamento afasta-se e rapidamente se dissolve em grupos menores.

O ataque contra o Posto de Controle Regimental 10 (*Regimental Command Post*) na Chechênia, no dia 20 de janeiro de 1996, é um exemplo de um típico ataque de insurgentes. Com o cair da noite, uma equipe de 10 a 12 insurgentes circundou o posto sem ser percebida a uma distância de entre 70 a 100 metros. Abriram fogo aproximado desde cinco posições, simultaneamente, ferindo várias pessoas, destruindo duas viaturas blindadas de transporte de pessoal (*armored personnel carriers — APC*), acabando com o comando e controle e interrompendo o sistema de fogo. Na resultante confusão, o pessoal de segurança deixou as suas posições e se retirou desajeitadamente para a área do regimento.

No dia 31 de maio de 1996, um destacamento de rebeldes capturou um posto de comando regimental perto de Shuanya. Antes de atacar, os insurgentes haviam conduzido estudos detalhados das rotinas diárias de um número de postos de comando nas áreas de Nozhayt-Yurtov, Kurchaloyev e Gudermes da república Chechênia. Os insurgentes escolheram o posto menos fortificado, um que se encontrava mal situado numa ravina entre duas elevações, o que lhes permitiu rodeá-lo. Antes de escurecer, lançaram fogo intenso de morteiros, foguetes teleguiados anticarro, granadas e fogo de fuzis contra o posto de comando durante aproximadamente uma hora.

Durante os primeiros minutos da batalha os insurgentes destruíram uma *APC* e uma viatura de transporte da manutenção, explodiram um depósito de munições e tiraram do ar uma estação de rádio de campanha. Ao mesmo tempo, a equipe de cobertura dos insurgentes minou as rotas de aproximação e equipes de distração abriram fogo contra forças militares nas redondezas. Uma equipe de canhão *ZU-23-2* (canhão de 23mm antiaéreo, autopropulsado, usado no combate em terra), que deveria ter estado em alerta, se encontrava a uns 70 metros da arma e ficou separada dela. Os defensores do posto de comando usaram toda a sua munição num fogo indisciplinado, numa vã tentativa de repelir o ataque.

Ocupando posições ao longo do que se presume ser o eixo de movimento da força federal, geralmente ao longo dos únicos eixos possíveis, a equipe que impede a manobra e a retirada da força federal coloca minas e outros obstáculos ao longo desses eixos. Se necessário, a equipe de reserva reforça a equipe de ataque ou a equipe de bloqueio.

Os insurgentes haviam, com efeito, "desarmado" a guarnição, capturando 26 homens, um *APC BTR-80*, um caminhão-rádio *ZIL-131*russo, um canhão *ZU-23-2 AA*, um lança-granadas *AGS-17* e todas as pequenas armas dos defensores. Um estudo posterior da captura do posto de comando indicou que amizades não oficiais com a população local haviam ajudado a tornar possível, e bem-sucedido, o ataque.

Estes exemplos não são apenas incidentes isolados. Os residentes locais perto dos postos dos guardas federais, embora nunca mostrando intenções agressivas, faziam contato com o pessoal militar levando-lhes comida, cigarros, bebidas, combustível e lubrificantes, ou oferecendo-se para comprar munições. Ganhando a confiança e baixando a vigilância dos soldados, os locais concordavam em vender-lhes o que quisessem. Ao anoitecer, quando a guarda mudava, os locais chegavam com a sua "mercadoria". Ao chegar perto dos soldados, se apoderavam destes e os desarmavam. Então desarmavam, capturavam ou matavam o resto do pessoal.

Além de atacar com o objetivo de destruir ou esgotar os guardas da guarnição, os insurgentes atiravam neles, sistematicamente. Operando em equipes de 5 a 10 pessoas, principalmente após o anoitecer, várias equipes de insurgentes apontavam contra um único objetivo, com um membro da equipe atraindo o fogo do retorno para si, e então os outros disparavam contra esse fogo inimigo desde outras posições. Os insurgentes também conduziam incursões disparando desde viaturas em alta velocidade.

Franco-Atiradores

Os franco-atiradores representam uma grande ameaça para as forças federais russas. Durante muitos conflitos com insurgentes, o efeito das ações dos franco-atiradores têm sido tão grande que alguns peritos se referem a esses conflitos como as "guerras dos franco-atiradores". As forças insurgentes equipam os franco-atiradores com armas especiais, armas automáticas e fuzis (incluindo fuzis esportivos), adaptados com o propósito de serem usados dessa maneira. O típico franco-atirador é um profissional que planeja as suas ações detalhadamente. Ele escolhe lugares que lhe oferecem a maior vantagem e dissimulação em sótãos, apartamentos de canto nos andares superiores de edifícios de onde possa disparar em várias direções, chaminés de fábricas e torres de guindastes. Os insurgentes também costumam equipar os locais de franco-atiradores como esconderijos onde podem guardar e esconder armas e munições.

Os franco-atiradores têm a capacidade de criar as condições que lhes permite matar o máximo de pessoas em uma única ação. Depois de ferir um soldado, geralmente nas extremidades, o franco-atirador causa feridas similares nos outros soldados ou médicos que procuram ajudar o soldado alvejado. Então aproveita para dar fim a todos. As suas vítimas são principalmente as pessoas indefesas.

Uma equipe insurgente pode incluir um ou dois franco-atiradores (um observador e um atirador) e engenheiros de combate que colocam minas na posição de tiro, depois de abandonada. Depois de ocupar os edifícios dominantes ou os andares inferiores de outros, a equipe de franco-atiradores pode disparar sobre o objetivo, às vezes ao acaso. Sob a cobertura do ruído da batalha, o franco-atirador pode escolher e destruir os alvos mais importantes.

Emboscadas

A emboscada é o mais eficiente e mais frequentemente usado método de guerra insurgente. Os lugares mais prováveis para se preparar uma emboscada são pontes, áreas isoladas, curvas em uma estrada, declives ou o alto de colinas, grandes florestas, trilhas pelas montanhas e desfiladeiros. Os insurgentes sempre escolhem o local e o seu equipamento com muita atenção. A escolha deve assegurar que o local da emboscada esteja oculto e garantir o elemento surpresa, o fogo eficaz das armas e munições e a oportunidade para uma rápida retirada.

Os insurgentes desejam que as emboscadas

Departamento de Defesa

Um caminhão russo ZIL-131

destruam, capturem ou de outras maneiras prejudiquem o inimigo. O tipo de emboscada escolhida depende da situação do combate, da correlação das forças e do terreno. Se o propósito for retardar o avanço de forças e meios, alterar-lhes a direção ou forçar um prematuro desdobramento em posições de combate, os insurgentes podem usar uma força bem menor que necessária para emboscadas com a intenção de destruir ou capturar o inimigo. Embora uma pequena quantidade de insurgentes possa deter uma unidade valor companhia ou menor por várias horas, a destruição de uma unidade exige uma força maior. Dependendo do local, da formação tática e do método de ação, a emboscada pode ser de encontro, (*meeting*), paralela ou circular.

A Emboscada de Encontro

A emboscada de encontro é geralmente estacionária e preparada na rota de movimento da força federal. O objetivo dos insurgentes é impedir o avanço das unidades ou destruir as que se encontram avançadas. Os insurgentes muitas vezes usam esta emboscada contra pequenas unidades e os recursos de transporte que as seguem, independentemente. Os guerrilheiros preparam a emboscada com muita antecipação, preparam posições de reserva e falsas e escolhem rotas de retirada. Eles frequentemente usam a emboscada de encontro junto com uma ação de dissimulação contra algum outro objetivo, para incentivar as forças de reserva a se deslocarem naquela direção.

A Emboscada Paralela

Os insurgentes usam a emboscada paralela justamente ao longo da linha de avanço de um comboio. Os seus objetivos são a força de segurança do comboio, os elementos de reconhecimento, as colunas da retaguarda e, às vezes, a força principal. O corpo principal dos insurgentes se espalha ao longo de um ou de ambos os lados de uma rota de movimento.

A Emboscada Circular

A emboscada mais difícil de preparar e executar é a circular. Antecipando os movimentos das forças inimigas e dos seus recursos, as equipes de insurgentes se posicionam ao longo do perímetro de uma área pré-escolhida. A primeira equipe abre fogo contra um flanco do comboio, dando início à batalha, e então se retira, atraindo para si a atenção do comboio. As outras equipes fazem o mesmo, forçando as forças federais a repelirem ataques de várias direções ou a avançarem em várias direções. Sob algumas circunstâncias, a força emboscada perde o controle da situação, inclusive a sua capacidade de comando e controle. Se isso acontecer, ela está perdida.

Dependendo da missão, forças de 10 a 20 insurgentes executam as emboscadas. No entanto, às vezes, essas forças podem ultrapassar o número de 100 homens. Posicionam-se ao longo de várias linhas. O tamanho do destacamento de emboscada varia, dependendo do objetivo e das forças disponíveis. O destacamento talvez inclua uma equipe de tiro ou ataque; uma equipe diversionária; uma equipe que impeça a manobra ou retirada de forças federais; uma equipe de reserva; e uma equipe que observa, encarrega-se das comunicações e informa. Se o destacamento tem armas pesadas, terá também uma equipe de transporte.

A força principal é a equipe de tiro ou ataque, que mata soldados e destrói equipamento. Posicionada perto da área das ações planejadas, a força principal inclui fuzileiros, uma equipe para a captura de prisioneiros e armas e especialistas em demolição.

Um exemplo típico de uma tomada de reféns ocorreu no dia 12 de dezembro de 1994 durante uma demonstração anti-militar, quando as tropas russas abandonavam Khasavyurt na República de Dagestan. Um grupo de insurgentes bloqueou um comboio militar do Ministério dos Assuntos Estrangeiros da Federação da Rússia enquanto outros insurgentes, escondidos entre a multidão e disfarçados de mulheres e crianças, se aproximaram das viaturas do comboio.

A equipe diversionária toma posição a certa distância da zona de destruição da emboscada. A missão da equipe diversionária é atrair o fogo de resposta da força de segurança (e às vezes da força principal) e apoiar as ações de surpresa da equipe de ataque. A equipe diversionária é a primeira a agir. O sinal para começar pode ser a explosão de uma mina ou uma carga de demolição. Posicionada ao longo da mesma linha da equipe de ataque, a equipe diversionária dispara contra as forças federais que se aproximam de uma grande distância e então se retira. A força federal sob ataque, ao perseguir a equipe diversionária, expõe-se ao ataque de flanco.

Ocupando posições ao longo do que se presume ser o eixo de movimento da força federal, geralmente ao longo dos únicos eixos possíveis, a equipe que impede a manobra e a retirada da força federal coloca minas e outros obstáculos ao longo desses eixos. Se necessário, a equipe de reserva reforça a equipe de ataque ou a equipe de bloqueio. A missão da equipe da reserva é apoiar a retirada da força principal da batalha. A equipe monitora a situação e cobre os flancos e a retaguarda do destacamento.

A equipe que observa, comunica e informa não participa da batalha; o seu objetivo é o reconhecimento, determinar quando as forças federais irão abandonar o seu acampamento e que direção irão tomar. Os insurgentes desta equipe ouvem conversas captadas de redes de rádio não seguras, seguem os comboios e reportam o seu movimento à força principal do destacamento. O pessoal nesta equipe pode operar sem armas. Eles "aterrisam" como pássaros na retaguarda do comboio e depois passam por ele como se fossem apenas simples viajantes. A equipe de transporte se esconde ao longo das linhas planejadas de retirada do destacamento e fica de prontidão para evacuar o destacamento e quaisquer prisioneiros ou armas capturadas.

Durante uma emboscada típica, os insurgentes geralmente permitem aos grupos de reconhecimento federais e aos elementos de segurança se adiantarem do comboio. Usando uma mina explosiva sob controle remoto, os insurgentes incapacitam as viaturas avançadas da força principal e então concentram o fogo sobre as viaturas de comando no centro do comboio.

Durante uma ação de rebeldes bem-sucedida, os insurgentes emboscaram um comboio logístico de um regimento de infantaria perto de um posto de observação em Yaryshmarda. Os insurgentes puseram uma mina sob controle remoto em uma estrada que corria ao longo da orla ocidental da área de defesa. A mina explodiu sob o primeiro carro de combate do comboio. Os insurgentes então destruíram a viatura de comando *BMD-1*, matando o comandante do comboio e o controlador aéreo avançado e interferiram na freqüência *UHF* de comando, cortando as comunicações do comboio com a sua base. Disparando contra o comboio durante uns 90 minutos, de uma pequena distância e de posições planejadas, 150 insurgentes, em dois destacamentos e quatro equipes de combate, mataram a maior parte do pessoal do comboio e destruíram quase todo o seu equipamento.

Os insurgentes frequentemente preparam emboscadas para matar o maior possível número de pessoal. Posicionam guias entre a população local para encaminhar elementos de reconhecimento, guardas e pequenos comboios da força federal diretamente para emboscadas.

Terrorismo

O terrorismo é uma das armas mais eficientes do arsenal dos insurgentes e inclui um amplo espectro de ações. Os insurgentes às vezes capturam soldados federais ou civis e mantêm um número sem preceden-

tes de reféns, talvez centenas destes. Podem fazer explodir instalações e matar oficiais de alto nível ao mesmo tempo.

Os insurgentes planejam as suas ações terroristas para obter o maior efeito psicológico possível, não somente contra pessoal militar, mas também contra a população civil de regiões inteiras. Usando de surpresa, audácia, inteligência, vontade e crueldade, os insurgentes usam o clássico arsenal terrorista de incursões, tomada de reféns, chantagem e ameaças.

A tomada de reféns tem um lugar especial no arsenal terrorista. Comandantes de campanha e equipes individuais de rebeldes tomam reféns para derrotar as forças federais russas e para trocar os reféns por insurgentes capturados. Também os tomam para cobrar resgates. Os insurgentes não tentam tomar reféns de tropas do Ministério dos Assuntos Estrangeiros da Federação da Rússia ou da polícia, porque estes permanecem cautelosos e vigilantes; mantêm observação de 360 graus; estão prontos para repelir ataques; e não mantêm contatos não autorizados com a população local. Por outro lado, o descuido e a autoconfiança dos comandantes, soldados ou da polícia pode criar as condições ideais para a tomada de reféns, e até provocá-la.

Um exemplo típico de uma tomada de reféns ocorreu no dia 12 de dezembro de 1994 durante uma demonstração anti-militar, quando as tropas russas abandonavam Khasavyurt na República de Dagestan. Um grupo de insurgentes bloqueou um comboio militar do Ministério dos Assuntos Estrangeiros da Federação da Rússia enquanto outros insurgentes, escondidos entre a multidão e disfarçados de mulheres e crianças, se aproximaram das viaturas do comboio. Ameaçaram o pessoal do comboio com armas e granadas de mão e capturaram 40, dois *APC* e uma viatura *ZIL-131.* Os insurgentes, todos residentes locais, haviam colocado veículos pesados em ruas do bairro para bloqueá-las e impedir qualquer manobra do comboio. Uma rota mal escolhida, a falta de decisão por parte de comandantes e soldados e a falta de vigilância e de um estado de alerta em combate foram também motivos que permitiram a tomada de reféns.

A tomada de reféns de membros da força federal, da polícia, ou de pequenas equipes geralmente segue um padrão organizado. Os insurgentes escolhem um local para o ataque a uma distância suficiente de uma posição do Ministério dos Assuntos Estrangeiros da Federação da Rússia, ou de outra unidade militar, para que nenhum sinal do ataque possa ser percebido em tempo hábil que possibilite a chegada de reforços. As áreas preferidas para os ataques incluem o mercado, restaurantes, bares e fontes d'água.

Observando a força federal ou outras vítimas em potencial durante um período de vários dias, os insurgentes determinam o número de pessoas na unidade, quando aparecem, quais as suas intenções e a natureza de suas ações. Os insurgentes atacam quando os seus alvos não estão em condições de se defenderem, quando têm as mãos ocupadas ou quando a sua atenção está distraída tomando um café ou batendo papo num mercado.

Armados com armas de pequeno calibre e granadas, os insurgentes geralmente atacam em equipes duas a três vezes maiores do que o número de vítimas do seu ataque. Operam em duas equipes, uma de ataque e outra de cobertura e evacuação, esta última em viaturas leves posicionadas ao longo das rotas de retirada.

Os insurgentes preferem detonar remotamente, via cabo elétrico, minas caseiras que destroem equipamento, minas que matam pessoal montado em viaturas de assalto, ou uma combinação das duas. Uma mina blast *(enterrada no chão, que explode por pressão) consiste de um ou mais tipos de munição (geralmente de artilharia) de vários calibres; uma espoleta elétrica; uma carga extra de TNT; e um fio de ignição.*

Os insurgentes são audaciosos. Tentam chegar bem perto de suas vítimas e então usam armas para ameaçar, intimidar e desmoralizá-las. Os soldados que não mantém a calma ou são indecisos, perdem rapidamente a capacidade de reagir. Uma vez que os insurgentes dominam a situação, as vítimas que resistem são mortas imediatamente. Os insurgentes exploram qualquer falha ou falta de disciplina. O pessoal militar que mantém relacionamentos não autorizados com a população local frequentemente se torna alvo de tais ações. Outro estratagema usado é fazer com que adolescentes ou jovens de idade aproximada criem amizade com soldados descuidados, convidando-os a visitá-los em suas casas ou outros lugares familiares. Então, sob algum pretexto, levam-nos a um lugar diferente onde são mantidos como reféns.

A guerrilha mantém os seus reféns em acampamentos e prisões de campanha bem vigiados, em áreas de difícil acesso. Os insurgentes dividem os reféns entre si para impor-lhes trabalhos. Às vezes, os insurgentes exigem resgate de familiares dos reféns. Matam os prisioneiros pelos quais não conseguem resgate ou que não conseguem trocar pelos seus que se encontram nas mãos das forças federais. A guerrilha filma

Departamento de Defesa

Soldados russos que formam parte da Força de Implementação empregam um BTR-80 *para patrulhar as Zonas de Separação na Bósnia-Herzegovina*

essas execuções, distribuindo os vídeos entre a população local, usando-os também para desmoralizar e assustar as tropas federais.

Embora os grupos insurgentes geralmente operem perto de suas bases nativas, às vezes conduzem incursões. Tipicamente incluindo destacamentos de mercenários, as incursões incluem manobras sigilosas ao longo de rotas planejadas, combinadas com outros ataques e emboscadas.

Os insurgentes usam a infiltração para concentrar as suas forças e os seus recursos na área de uma ação em grande escala. Cuidadosamente estudando os postos de observação russos, determinam antecipadamente os tipos de carga que não são inspecionadas e quais os elementos do pessoal russo que não são atenciosos. Insurgentes desarmados, fazendo-se passar por residentes locais, movem-se em pequenos grupos ou individualmente ao longo de várias rotas e, uma vez passando pelos postos de observação, reúnem-se em áreas de estacionamento ou depósitos onde os insurgentes tenham armas guardadas. Geralmente, transportam as armas até as áreas de estacionamento em veículos de grande capacidade, escondendo-as dentro de carga virtualmente impossível de ser inspecionada, como produtos de agricultura ou materiais soltos. Os chechenos também usam suborno para evitar inspeções em postos de observação da força federal.

Minas

Virtualmente sem limite com relação à forma, lugar e hora do seu uso, a mina é uma parte indispensável de qualquer movimento insurgente. Os insurgentes usam minas russas, incluindo a *TM-57* (mina operada à pressão), a *TM-62 AT*, a *PMN-2* — mina anti-pessoal — , a *OZM-72* (mina que salta e fragmenta), e a *MON-50* ou *MON-100* (mina fragmentária direcional). Também usam minas e granadas caseiras acionadas por arames de tropeço.

Os insurgentes preferem detonar remotamente, via cabo elétrico, minas caseiras que destroem equipamento, minas que matam pessoal montado em viaturas de assalto, ou uma combinação das duas. Uma mina *blast* (enterrada no chão, que explode por pressão) consiste de um ou mais tipos de munição (geralmente de artilharia) de vários calibres; uma espoleta elétrica; uma carga extra de TNT; e um fio de ignição. Os insurgentes colocam as minas sob a superfície de uma estrada ou ao longo da mesma (2 a 8 metros entre cada) ou até mesmo dentro da canalização de

esgotos. Às vezes, os insurgentes colocam a carga no chão disfarçada de lixo ou material de construção e a cobrem com placas de metal, parafusos, pregos e outros objetos de metal para aumentar o efeito destruidor. Os insurgentes colocam cargas de demolição em equipamento e viaturas destruídas ou queimadas para que, quando ocorra a explosão, seja produzida uma poderosa torrente de fragmentos, matando pessoas em um raio de até 70 metros. Em estradas nas montanhas, os insurgentes colocam dispositivos explosivos em árvores ou em barrancos rochosos.

Em áreas montanhosas, edificadas e de floresta, os insurgentes montam dispositivos explosivos improvisados, usando arames de tropeço do tipo *spider webs* (teias de aranha), feitos com o arame de sistemas de direção de foguetes *AT* teleguiados, pequenas chaves interruptoras, galhos de árvore ou arbustos. A altura na qual colocam os arames de tropeço varia. A teia pode ser horizontal, vertical, ou ambos. Os insurgentes podem também usar arames falsos.

Quando os insurgentes usam uma combinação de dispositivos explosivos, preparam uma carga de demolição na superfície de uma estrada para destruir veículos e uma segunda carga (uma ou mais minas de fragmentação com controle remoto) acima dela, em uma altura (em postes, árvores ou elevações de terreno) que permita destruir a força de assalto. Os insurgentes detonam os dispositivos ao mesmo tempo, ou quase ao mesmo tempo. Para determinar o momento exato da explosão, os insurgentes preparam um ponto de orientação (uma "mira") feito de vários objetos facilmente visíveis que não atraem a atenção e que estão alinhados com o alvo. Um perito demolidor se esconde a uns 500 a 1000 metros da carga. Assim que o alvo se alinha com os marcadores de orientação, ou seja, esteja "na mira", ele detona a carga. A esperteza, perspicácia e perfídia dos insurgentes são quase sem limites. Por exemplo, colocaram uma carga explosiva de 5 a 10 quilos em uma estrada e esconderam uma mina de fragmentação direcional *MON-50* na lâmpada de um poste elétrico ao lado da estrada, com arames de contato ligados à fonte elétrica e a um dispositivo portátil no cabo de eletricidade. Quando o alvo entrou na área de destruição, os insurgentes enviaram uma carga elétrica ao detonador. A explosão na estrada destruiu a viatura blindada e a força da explosão vinda de cima para baixo da mina de fragmentação, simultaneamente, matou o pessoal embarcado nela.

Combatendo a Insurgência

Tanto as forças russas como os insurgentes se beneficiaram dos novos meios de combate, mas os fundamentos dos quais os insurgentes dependem no seu esforço armado contra as forças da lei e da ordem continuam a ser os princípios da guerra da guerrilha. A força que combate os insurgentes deve conhecer bem as suas táticas, os seus pontos fortes e fracos, e, se necessário, saber usar também esses mesmos métodos. Antecipar as ações de grupos armados é muito difícil. Nisso se encontra o maior desafio para combatê-los. Como ninguém sabe o que farão a seguir, todos devem estar atentos aos insurgentes e aos seus ataques mesmo quando em combate com eles.

O sucesso do Ministério dos Assuntos Estrangeiros da Federação da Rússia e das tropas locais na luta contra os insurgentes do Cáucaso Norte depende de:

- Conhecer os princípios da guerra insurgente e da guerrilha.
- Combater a esperteza e a malícia dos insurgentes.
- Usar métodos de combate inteligentes e devidamente selecionados.
- Um esforço de inteligência bem organizado. ***MR***

NOTAS

1. Este artigo é a tradução do texto de uma palestra que o Coronel Sergey A.Kulikov proferiu na ECEME, no Forte Leavenworth, Kansas em dezembro de 2002. Ele foi comandante das forças especiais do Ministério dos Assuntos Estrangeiros da Federação da Rússia durante a segunda guerra na Chechênia (1999 até o presente) e oficial de ligação entre as Forças Armadas do Ministério de Defesa da Rússia e o Ministério dos Assuntos Estrangeiros da Federação da Rússia durante a primeira guerra na Chechênia (1994 até 1996).

2. O Ministério dos Assuntos Estrangeiros da Federação da Rússia tem as suas próprias tropas, que atualmente constituem aproximadamente 200,000. A Rússia tem dependido muito das tropas do Ministério na Chechênia.

3. John F. Kennedy, citado em Rick Atkinson, *Long Gray Line: The American Journey of West Point's Class of 1966* (Boston: Houghton Mifflin, 1989).

4. Não há informação disponível relativo à publicação. Dzhokar Dudayev foi presidente da República da Chechênia quando a primeira guerra teve início em 1994. Um foguete o matou em abril de 1996.

O Coronel Sergey A.Kulikov foi comandante das forças especiais do Ministério dos Assuntos Estrangeiros da Federação da Rússia durante a segunda guerra na Chechênia.

Robert R. Love é tradutor e interprete no Escritório de Estudos Militares Estrangeiros (Foreign Military Studies Office) no, Forte Leavenworth, Kansas. É Bacharel e Mestre pela University of Kansas. De 1973 até 1993, serviu de tradutor e chefe de departamento no Instituto de Idiomas Estrangeiros do Departamento de Defesa (Defense Language Institute), em Monterey, na Califórnia.